

A 24ª edição do festival açoriano arrancou com concertos de Orquestra AngraJazz e Renee Rosnes Quintet.

AngraJazz'23 — Dia 1: a força das grandes ideias

Uma grande ideia: transformar uma praça de touros em centro cultural. Outra bela ideia: trazer o mundo até uma ilha. Mais boas ideias: usar a música para transformar vidas. O festival [AngraJazz](#), que ontem à noite arrancou em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, Açores, já não é apenas uma bela ideia — é, isso sim, um evento com pergaminhos sérios, que este ano celebra a sua 24ª edição e que, por isso mesmo, tem não apenas longa história, mas também um futuro promissor. O Centro Cultural e de Congressos de Angra serve de palco a este festival e, ano após ano — como me confirmam os veteranos frequentadores deste espaço e deste certame — é também ponto de encontro para quem ama esta música, para quem gosta de toda a música e até para algumas pessoas que podem simplesmente gostar de desfrutar de boas ideias transformadas em coisas muito reais.

A abertura desta edição do AngraJazz coube a outra grande ideia: a [Orquestra AngraJazz](#), uma muito real consequência da visão que move a [Associação Cultural AngraJazz](#) que tem neste grémio de músicos o resultado de duas décadas de muito trabalho orientado por Pedro Moreira e também por Claus Nymark. Este último esteve ontem ausente, mas há-de saber que o maestro Moreira lhe dedicou o concerto, naturalmente muito aplaudido.

O vibrafonista Jeffery Davis foi o solista convidado. O músico nascido no Canadá é, na verdade, “ouro da casa”, já que foi em Portugal que cresceu e conduziu boa parte dos seus sérios estudos académicos. A sua procura de conhecimento e experiência levou-o também até à prestigiada Berklee College of Music, em Boston, Estados Unidos, e ontem, no palco, o seu vibrafonismo soou assertivo, carregado de classe e em perfeita sintonia com o restante colectivo que Pedro Moreira dirigiu com total elegância e expressividade.

Uma orquestra é uma comunidade, uma misteriosa soma que resulta sempre maior do que a contabilização isolada das respectivas partes faria supor. Nos uníssonos, esta AngraJazz soou expansiva, entusiasmante até, com *standards* como “Afternoon in Paris” de John Lewis, “Stablemates” e “I Remember Clifford”, ambas de Benny Golson, ou a belíssima “Footprints” de Wayne Shorter — icónico e recentemente desaparecido saxofonista que ontem, aliás, mereceu dupla vénia — a proporcionarem um belíssimo arranque para esta viagem de três muito bem recheadas jornadas.

Moreira fez questão de salientar o desempenho dos solistas, como, por exemplo, Rui Melo (saxofone tenor), Paulo Borges (trompete) ou Antonella Barletta (piano), mas a verdade é que

todos os presentes se mostraram à altura do desafio, que não era de somenos, tendo em conta a qualidade do repertório apresentado: Micaela Matos, Filipe Gil e Rui Borba (todos em sax alto), Mauro Lourenço (sax tenor), José Pedro Pires (sax barítono), Bráulio Brito, Guilherme Costa e Tomás Reis (todos em trompete), Rodrigo Lucas e Manuel Almeida (ambos em trombone), Gonçalo Ormonde (trompa francesa) e ainda Paulo Cunha (contrabaixo) e um incansável Nuno Pinheiro (bateria). O homem do leme fez questão de usar os plenos poderes da sua tripulação, guiando este “barco” por águas ora mais calmas, ora mais agitadas, conduzindo-o sempre a porto seguro e fazendo, portanto, por merecer os aplausos que chegaram sempre em catadupa.

A “terceira” parte da noite coube à apresentação do **Renee Rosnes Quintet**, já que no “intermezzo” decorreu a segunda e igualmente importante parte da noite: a da socialização entre todos os presentes. E aí deu para perceber claramente que se em palco havia uma comunidade, na plateia e nas galerias havia outras: de amigos, talvez vizinhos, de gente que ao cruzar-se nestas ocasiões fortalece laços. Um festival tem também — ou deve procurar ter — essa missão.

Renee Rosnes é uma ultra-conceituada pianista, colheita de ‘62: tocou com os gigantes Joe Henderson, JJ Johnson e Wayne Shorter, toca ainda com outros gigantes, como Ron Carter, e, pois claro, dirige o todo poderoso e incrível colectivo feminino Artemis, um combo de talentos altamente desenvolvidos que é simbolicamente representativo dos amplos poderes criativos das mulheres no jazz. Ontem, em cima do palco, toda essa experiência esteve em subtil evidência. À frente da sua *working band*, que inclui os significativos préstimos dos incríveis Steve Wilson nos saxes alto e soprano, de Nicole Glover (sua companheira nas Artemis) no sax tenor e dos enormes e impecavelmente vestidos Carl Allen na bateria e Peter Washington no baixo, Renee mostrou-se uma excelente *show woman*, com belíssimas capacidades comunicativas, sabedora na imediata criação de empatia. Quando apresentou a sua “Galapagos” (do seu álbum **Written in the Rocks**, de 2016), explicou que escolheu começar com esse tema pois lhe lembrava esta ilha: “Nem me apetece ir embora amanhã”, explicou, depois de enaltecer a beleza da Terceira e de Angra. Com o *comping* ultra-fluído e de pura sofisticação da líder, os sopros puderam voar até onde desejaram, mas a sua capacidade solista é igualmente assinalável, uma torrente de expressivas ideias harmónicas que faz verter sobre os nossos ouvidos com elegância absoluta.

O quinteto tocou algum material menos óbvio, como a excelente “Ba-lu Bolivar Ba-lus-Are”, de Thelonious Monk, ou “Diana”, peça que, explicou-nos a pianista, Wayne Shorter escreveu para a filha de Flora Purim e Airto (e que fez parte do álbum **Native Dancer**, de 1975). Joe Henderson foi outro dos compositores interpretados – escutou-se uma reverente leitura de “Isotope” – num *set* escurto, de recorte clássico, sem qualquer tipo de desvio “modernista”. O que não retira brilho algum a uma actuação forte, em que todos os músicos provaram ser de primeira água: uma secção rítmica de subtil poder propulsivo, capaz de simultaneamente soar presente e discreta e de tecer sólidas bases para as interpretações dos restantes músicos; dois

sopros inventivos, com personalidades vincadas, mas entendedores do seu lugar na quadratura do círculo desenhado pela líder Renee Rosnes. E ver assim em palco uma mulher empoderada, com argumentos musicais muito fundos, a liderar um combo com outros músicos de larga experiência e atributos técnicos elevados é algo sempre refrescante. E potencialmente transformativo.

Os aplausos efusivos no final deixaram claro que esta primeira noite da edição 2023 do AngraJazz foi de triunfo absoluto e deixaram a fasquia alta para as duas etapas que ainda faltam, mas hoje é dia de (relativo) descanso, no que ao AngraJazz diz respeito. O programa retoma amanhã, sexta-feira, 6 de Outubro, com as apresentações do Ben Allison Trio e do colectivo Coreto.



A mesma matéria em diferentes formas.

AngraJazz'23 — Dia 2:

geometrias do som

Texto: Rui Miguel Abreu

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 08/10/2023

O segundo dia do festival **AngraJazz** teve um preâmbulo (ou talvez tenha sido o primeiro dia a ter um posfácio?) com a apresentação dupla, no dia feriado de 5 de Outubro, de um quarteto extraído do colectivo **Coreto**: o quadrado Formoso/Raro/Barbosa/Marrucho fez-se ouvir no âmbito da programação paralela e aberta do festival, o Jazz na Rua, na Loja Expert da Rua Direita, primeiro, e, noite dentro, na Casa do Sal, numa *jam session* aberta que empolgou a plateia que esgotava por completo o espaço.

Estes momentos mais, digamos, “informais” são uma tradição saudável, já que são oportunidades agarradas por jovens músicos para troca de ideias e experiências com outros músicos mais “rodados”. O que não significa que não seja natural motivo de espanto quando uma pausa do “grupo de serviço” serve para a subida ao palco de um muito jovem baterista de apenas 5 anos. O pequeno Artur, de seu nome, mostrou-se entusiasmado com a possibilidade de exhibir os seus dotes num kit desmedido para si, mas ainda assim, como montanha que se ergue perante alpinista motivado, não intransponível. E o que os seus 5 anos de idade não lhe permitem ter ainda, o seu contagiante entusiasmo compensa largamente. A um primeiro momento em solo absoluto com alguns pormenores realmente deliciosos, sublinhe-se, sucedeu a recompensa: José Pedro Coelho, saxofonista do Coreto também presente, juntou-se à “festa” do pequeno Artur, sem exhibir uma molécula de condescendência — classe! — e, pouco depois, o contrabaixista José Carlos Barbosa fez exactamente o mesmo, com o trio a encaixar-se num *groove* fantasista conjurado pelo pequeno baterista que nem sequer chegava com os pés aos pedais do bombo ou dos pratos de choque, mas que demonstrou possuir suficiente energia e destemor nos braços para arrancar aplausos da plateia. A mãe revelou-nos depois que o “Artur adora jazz, música que começou a ouvir quando tinha apenas uma hora de idade”. Como é que se diz? É desde pequenino que se refina o talento, certo?

O programa de sexta-feira, segunda jornada de três da edição de 2023 do festival AngraJazz, reservava para a noite apresentações do americano **Ben Allison Trio** e do portuense Coreto no belíssimo espaço do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, mas o dia que tinha começado chuvoso acabou por abrir e convidar a um passeio pelo centro histórico — sempre experiência retemperadora do olhar — que culminou com um concerto de fim de tarde do **Wave Jazz Ensemble** numa pequena praça servida por um daqueles icónicos quiosques que esta cidade soube preservar.

Com Nuno Pinheiro na bateria, Antonella Barletta no piano (versão electrónica já que as condições não justificavam um acústico, claro), Paulo Borges no trompete, Rui Melo no saxofone tenor — todos eles membros da Orquestra AngraJazz — e ainda Antero Ávila no baixo eléctrico, o veterano de serviço, o combo mostrou elegância e desenvoltura na leitura de um repertório consensual de *standards* e que por isso mesmo encaixa na perfeição nestes contextos, deixando um sorriso largo nos rostos dos presentes espalhados pelas mesas da esplanada ou nas escadas da igreja do lugar que ainda eram banhadas por alguns bem-vindos raios de sol. Com o clássico “So What” a abrir e um original de Paulo Borges (fixado já no álbum **Perspectivas** que este ensemble lançou em 2022) logo de seguida, percebeu-se

imediatamente a “onda” deste grupo: a de aproveitar a história sem descurar a criação presente. Estratégia ganhadora, claro.



O momento alto deste segundo dia de AngraJazz, no entanto, teve lugar no Centro Cultural e de Congressos, espaço uma vez mais completamente lotado. O trio de Ben Allison é realmente qualquer coisa e coube-lhe, como sublinhado na apresentação a cargo de José Ribeiro Pinto, a 150ª apresentação no já muito considerável historial que este festival ergueu em 24 anos. Líder contrabaixista à direita, saxofonista Ted Nash ao centro e guitarrista Steve Cardenas à esquerda. Uma frente próxima e unida, sem hierarquia — todos, por exemplo, tiveram oportunidade de se dirigirem ao público — que o trio usou para se espraiair por um incrível repertório de Carla Bley e Herbie Nichols ou até de Leonard Bernstein. Mas o início da viagem em que o trio nos levou foi também declaração de filiação e identidade: “The Train and the River” é peça escrita pelo clarinetista e saxofonista Jimmy Giuffre para o álbum de estreia do seu trio, lançado em 1957 e o molde assumido do equilátero desenhado por Ben Allison. Allison, Nash e Cardenas já fizeram juntos muita estrada e devem somar incontáveis milhas aéreas, já pisaram muitos palcos, mas essa experiência toda não é nunca imposta ou exibida gratuitamente, com os músicos a assumirem antes uma genuína postura de humildade, sempre de sorriso amplo — é notória a satisfação que cada um retira de tocar neste trio — sempre em entrega absoluta à matéria musical que conjuram colectivamente. Ben Allison sola com vivacidade contagiante, desenhando frases ultra-expressivas, carregadas de nuance, mas ao

mesmo tempo sem nunca colocar a técnica à frente da emoção, que é funda como o oceano que nos rodeia. Cardenas, por seu lado, é um poço sem fim de classe, uma vez mais levando para o palco um som límpido e puro, pouco processado, por onde vão despontando ecos de blues do Mississippi ao Mali, dos balanços mais tropicais da Bossa ou da canção cubana e amplos apontamentos retirados do grande lago da “americana” onde convivem os modos folk, os cancioneiros da Broadway, do jazz e do gospel e de tantas outras tradições, apetitosa amálgama que faz com que cada frase que avança pareça intrincada filigrana feita de electricidade. E depois há a alma transparente de Nash, um músico que só sabe soprar verdades universais, sempre em sintonia pura com os seus companheiros, sempre com um sentido melódico de refinado bom gosto.

Ben Allison parece contar histórias quando toca e fazer música quando fala, o que é curioso. Contou-nos uma história de uma viagem do trio a Cuba, da escolha de um tema para a apresentação e da decisão de fazer uma homenagem a Leonard Bernstein de quem se celebrava na época o centenário. Forma perfeita de apresentar “Something’s Coming”, peça de *West Side Story* que integra o álbum de releituras desse clássico musical que o trio lançou em 2019, **Somewhere Else: West Side Story Songs**. Steve Cardenas, por sua vez, arriscou mesmo falar em tímido português, avisou-nos que vem aí um sucessor para os três álbuns que o trio já leva na sua conta e atirou-se a mais uma peça de Carla Bley — “esta”, disse, provavelmente sendo irónico (já que os números reais são distantes dessa marca), “já soma um milhão de *plays* no Spotify”. Não soma, infelizmente, mas iso não lhe retira um átomo de brilhantismo.

Allison referiu — enganando-se ligeiramente — que esteve, juntamente com Nash, em 2005 no AngraJazz com o Herbie Nichols Project (foi em 2004, na verdade, como confirmado por um dos colegas veteranos nestas andanças) ao lado do já desaparecido pianista Frank Kimbrough. E isto antes de apresentar um dos inéditos recuperados dos arquivos do grande pianista Nichols, que deixou obra escrita e nunca antes gravada. Um privilégio, portanto, poder escutar “She Insists”, composição de 1957 que nas mãos do trio se torna matéria de eternidade.

Esta missão assumida por Allison e restantes companheiros de continuar a tocar a música de Nichols é de nobreza absoluta e de importância desmedida, deixando claro que a música pode sempre desprender-se de um tempo e chegar ao futuro. Foi bem bonito.

A segunda actuação da noite coube ao Coreto, o dodecágono da portuense **Porta-Jazz** que tem no saxofonista alto e flautista João Pedro Brandão o seu timoneiro. Com José Pedro Coelho e Hugo Ciríaco em saxofones tenores, Rui Teixeira em barítono, Ricardo Formoso e João Pedro Dias nos trompetes, Daniel Dias e Andreia Santos nos trombones, AP na guitarra, Hugo Raro no piano, José Carlos Barbosa no contrabaixo e José Marrucho na bateria, este Coreto é múltiplo e uno em simultâneo, uma entidade que domina a ebulição e a contenção em igual medida e que ao vivo vibra numa frequência muito particular.

A Tribo, trabalho exímio que a Carimbo Porta-Jazz editou em 2021, foi a peça apresentada. A composição de Brandão explora de forma muito inteligente a tensão entre a organização e a

liberdade, entre o que se define previamente e o que se pode inventar no momento, mas o Coreto já domina de tal forma a gestão dessa tensão que é difícil entender onde acabam as instruções claras impressas na pauta e onde começa a personalidade de cada um dos belíssimos músicos ali reunidos a criar em cima das molduras definidas. Em 2022, este Heart Ensemble of Invicta, como então nos referimos ao Coreto aquando da sua apresentação no âmbito do festival organizado anualmente pela Associação Porta-Jazz, inspirou estas linhas: “O Coreto é uma entidade especial, maleável, tão capaz de *swingar* de forma coesa como de se espraiar em mais abstractas orquestrações, de soar romântico ou cinematicamente tenso, de ir de Hollywood à Cinecittà enquanto o diabo esfrega um olho. Essa elasticidade, muito assente nos imaginativos arranjos que fazem uso de toda a amplitude cromática do grupo e das muito pronunciadas capacidades técnicas e interpretativas de todos os seus elementos, transforma cada concerto do Coreto em manifestação celebratória do prazer de fruir o acto criativo, da amizade, da simples possibilidade de vibrar colectivamente”. Palavras que continuam, claramente, a fazer pleno sentido.

Música de rigor e de imaginação ampla, est’A *Tribo* ressoou, uma vez mais, com magnífica energia nesta ilha atlântica aberta ao mundo, à história, ao presente e até ao futuro. Porque de cada vez que um músico improvisa ele inventa um novo futuro.



AngraJazz'23 — Dia 3: um saxofone em estado de graça

Texto: [Rui Miguel Abreu](#)

Fotografia: Rui Caria

Publicado a: 09/10/2023

Começámos por exaltar o [AngraJazz](#) como palco/trampolim para [boas ideias](#) nesta nossa primeira abordagem a um evento que no passado sábado terminou com a apresentação do seu 153º concerto, a cargo da cantora sueca [Vivian Buczek](#). Encerramos hoje esta nossa continuada reportagem do evento com a confirmação de que é sempre boa ideia fazer congregar gente de diferentes origens num mesmo espaço — da partilha e de cruzamentos de diferentes visões nascem amizades, novas perspectivas e, correndo tudo bem, mais ideias.

A música de [Immanuel Wilkins](#) também vive de pensamento — que é a parte em que se aplica intelecto e experiência para tentar resolver as ideias —, de assumida tensão entre passado e futuro, da vontade de deixar marca no presente, da vontade de harmonizar pulsões contrastantes: como as que derivam da escrita cuidada, por um lado, e da livre deriva improvisacional, por outro.

No derradeiro dia da edição 2023 do AngraJazz deu para ver mais uma apresentação do grupo de trabalho extraído do Coreto para as sessões abertas ao público na cidade de Angra, com entrada livre, com nova sessão do quarteto Formoso/Raro/Barbosa/Marrucho no Café Maçã Verde, opção inteligente do festival que assim vai fazendo por formar novos públicos, libertando o jazz dos seus contextos mais formais para o levar ao encontro de quem possa, de repente, encontrar ali um ponto de interesse. A verdade é que havia transeuntes que por ali se detinham, mostrando reverente atenção perante o som desenvolvido, elegante e personalizado destes quatro “coretistas”.

O programa da noite, no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, reservava-nos aquele que se confirmou como o melhor concerto do festival (falhámos a última das entradas do programa, reservada ao grupo da cantora Vivian Buczek, mas as opiniões recolhidas no dia seguinte confirmam-nos que podemos manter esta ideia de que cabe ao saxofonista norte-americano representar a cereja no topo deste bolo servido em Angra).

Acompanhado por Micah Thomas no piano, Rick Rosato no baixo e Kweku Sumbry na bateria, Immanuel Wilkins assinou ali (mais) uma lição de contenção e classe, de sobriedade, mas também de aventureira demanda, de capacidade de risco, de nervo à flor da pele. O saxofonista de 26 anos que acaba de ser [distinguido](#) nas premiações anuais da Downbeat com os galardões de Alto Saxophonist of the Year, Rising Star Group of the Year e Rising Star

Composer of the Year confirmou em palco que todas as flores que lhe têm sido entregues são mais do que merecidas.



O quarteto começou por atacar uma nova composição de Wilkins, “Apparition”, antes de se atirar — como aliás já tinha prometido na [entrevista concedida ao ReB](#) — a mais material ainda a aguardar registo discográfico: “Big Country”, “Motion” e “Pressure”. O alinhamento alternou entre a quase insustentável leveza, com a música a soar tão livre e solta como uma brisa, com o piano a fazer desaguar sobre os nossos ouvidos um tranquilo rio de notas, com o todo a soar quase como uma meditação feita de música, e uma mais vincada cadência, com Thomas a revelar precisão repetitiva na mão esquerda e expressividade inventiva — mas nunca intrusiva — na direita. As peças são longas, abertas, com espaço para muitos improvisos, sobretudo do líder, que aproveitou para demonstrar que domina muitos idiomas e que estudou atentamente muitos mestres. Kweku, por seu lado, começou por se apresentar muito solto, a explorar todas as peças do seu kit, sem nunca solidificar o seu *groove*, mas houve momentos em que se fechou num padrão e deixou claro que entende com quantos toques no bombo e na tarola se faz um *groove*, soando mais funky ou mais polirrítmico — no sentido africano do termo — consoante as peças o exigiam.

O espantoso é que Wilkins, do alto da sua imensa juventude, soa magnífico nas baladas e não menos espantoso nos temas com mais ebulição e fervor espiritual; é elegante nas longas frases

e feérico nos “gritos” de intensidade espiritual máxima e parece incapaz de falhar por um segundo que seja, desviando-se do microfone e do centro do palco para deixar os companheiros brilharem ou até para apanhar uma pauta levada pela brisa do ar condicionado da sala (ou seria pela deslocação do ar provocada pelos braços do baterista?) e regressar ao centro no momento exacto que a música pede, como se tivesse o poder de se teletransportar para o lugar necessário no derradeiro momento.

Se puderem apanhar o **Quarteto de Immanuel Wilkins no próximo dia 21 de Outubro na 24ª edição do SeixalJazz** não pecam a oportunidade: as recompensas serão mais do que muitas, fica aqui garantido.